[Nome da instituição]
[Nome do programa ou curso]

Projeto de Artigo

[Título do projeto]

Autor: [Autor]

Orientador: [Orientador]

Sumário

[1. Título 2](#_Toc147940929)

[2. Tema 2](#_Toc147940930)

[3. Introdução 3](#_Toc147940931)

[4. Definição do problema 4](#_Toc147940932)

[5. Revista pretendida 5](#_Toc147940933)

[6. Revisão de literatura 6](#_Toc147940934)

[7. Justificativa 8](#_Toc147940935)

[8. Objetivos 9](#_Toc147940936)

[9. Hípótese 10](#_Toc147940937)

[10. Estratégias de abordagem 11](#_Toc147940938)

[11. Referencial teórico 11](#_Toc147940939)

[12. Cronograma 14](#_Toc147940940)

[13. Referências 14](#_Toc147940941)

# Título

[Note que os títulos das seções do projeto foram formatados com o estilo “Título 1”, o que é importante para que o sumário funcione automaticamente]

[[A principal função do título do seu trabalho é servir como orientação dos mecanismos de busca, visto que o seu trabalho dialogará com futuros trabalhos de pesquisadores que, sem dúvida, farão pesquisas bibliográficas que poderão encontrar o seu artigo como um dos textos com que será necessário dialogar.

[[Este é o estilo para citação recuada. A ABNT define 4cm de recuo.]] Como o título tem especial relevância para os mecanismos de busca, ele deve ser pensado como uma maneira de chamar atenção para os principais pontos que você considera que poderão atrair a atenção de potenciais leitores.

Títulos mais “poéticos”, com expressões mais literárias e figuras de linguagem, podem ser interessantes para estimular o leitor a iniciar a leitura, especialmente se o texto circular em ambientes nos quais o estímulo da curiosidade é que gera a abertura do arquivo (como *facebook* ou *whatsapp*).

Porém, não vale a pena criar um título *atrativo*, mas que não corresponda muito ao trabalho propriamente dito, pois o caráter “descritivo” do título será o elemento mais importante para que o texto venha a ser encontrado por pesquisas feitas na internet, e de pouco adianta um título “instigante” quando o trabalho não é visível para os instrumentos de busca.

Uma forma de equilibrar esses elementos pode ser a de usar um título mais atraente e um subtítulo mais descritivo.]]

# Tema

[[O tema é uma expressão que indica o tipo de assunto *acerca do qual* o artigo trata. O tema não é uma frase completa, não é uma pergunta, não é um elemento centrado no *verbo*, mas nos *substantivos* que delimitam a área na qual se localiza o objeto de pesquisa.

O tema deve ser bem articulado com o problema, pois o problema será uma pergunta que deve estar localizada dentro do tema.

A definição do tema não é um ponto muito central do projeto, visto que o título costuma ser suficiente para localizar bem a área temática. Porém, uma boa definição do tema será útil para escrever o resumo do artigo, que costuma começar com uma indicação do tema, apresentado por uma frase como “*Trata-se de um artigo científico acerca do/a [...]”*.

Estrategicamente, na medida que o tema integrará o resumo, ele será importante para conferir visibilidade ao trabalho nos instrumentos de busca. Uma tema bem descrito pode ajudar pessoas interessadas no mesmo campo de questionamentos abordados no seu trabalho a encontrar o seu artigo, quando elas forem realizar uma pesquisa bibliográfica. O caráter mais *geral* do tema facilitará a descoberta do texto por pessoas com interesses *conexos*.]]

# Introdução

[[A introdução é uma parte optativa porque ela trata do próprio planejamento da pesquisa, que é o núcleo do projeto. A introdução é um elemento que tem como alvo os leitores do projeto, seja o orientador que avaliará o planejamento propriamente dito, seja o professor da disciplina de metodologia (quando se trata do trabalho final de uma disciplina), seja uma eventual banca (quando se trata de processo seletivo ou de uma etapa de qualificação, típica dos doutorados).

Esse elemento serve para auxiliar os leitores a compreender o *problema de pesquisa*, sendo desnecessário (ou pouco útil) quando a pesquisa trata de objetos já bastante conhecidos, que dispensam maiores explicações. Assim, ele deve ser pensado como uma espécie de *esclarecimentos prévios*, bastante concisos.

Tipicamente, a introdução serve para descrever elementos do contexto do projeto, mas que se ligam com ele de forma um pouco indireta. Pode servir para narrar como surgiu a ideia, contar um pouco dos contexto social no qual está inserido o problema de pesquisa. Pode servir para falar do *problema social* que inspirou o pesquisador a desenvolver a pesquisa.

Entretanto, é bem comum que as questões que podem ser tratadas na introdução sejam inseridas na parte da *justificativa*, que é onde se espera um desenvolvimento argumentativo dos impactos possíveis da pesquisa.

Na ordem textual, porém, a justificativa vem depois da definição do problema, o que pode causar uma dificuldade nos casos em que a própria compreensão do problema exige alguns esclarecimentos prévios. Assim, uma estratégia útil é analisar com cuidado o problema de pesquisa e avaliar se a devida compreensão do problema exigiria uma contextualização social ou histórica, ou esclarecimentos conceituais prévios.

Com isso, a Introdução somente precisa ser feita quando o pesquisador entender que seria necessário (ou ao menos útil), para a compreensão do problema, fazer esclarecimentos conceituais prévios uma rápida contextualização do objeto de pesquisa (o que pode ser importante quando se tratar de um objeto ou temática pouco conhecida pelas pessoas em geral).

Nos casos de processos seletivos, a introdução pode ser usada como estratégia para chamar a atenção do leitor (por exemplo, narrando uma história interessante), de forma a gerar uma identificação mais imediata da relevância do projeto, que será posteriormente desenvolvida na justificativa.]]

# Definição do problema

[[A definição do problema o ponto mais importante do projeto. Em processos seletivos, é muito provável que os examinadores leiam primeiro o título, o tema e logo depois procurem o problema de pesquisa, independentemente do local do projeto em que ele esteja descrito.

O problema é a pergunta a que o projeto objetiva responder e, por isso, a análise da metodologia será *em função* de sua capacidade de oferecer respostas ao problema e a análise do *marco teórico* será feita em função de sua capacidade de orientar devidamente o enfrentamento do problema.

Não se deve confundir o *problema prático* que conduziu o pesquisador a definir sua pesquisa (a corrupção, a ineficiência de uma política pública, o estranhamento com certas decisões judiciais, etc.) com o *problema de pesquisa* (que é uma pergunta e não uma descrição de *problemas sociais efetivos*).

O problema deve ser o mais definido possível, para que o projeto como um todo possa ser bem articulado, de forma que o artigo constitua uma *resposta* ao problema colocado.

O melhor é que o problema seja definido em uma frase apenas. Embora haja estratégias diferentes de apresentação do problema, creio que a mais efetiva normalmente é usar uma frase interrogativa, definido claramente uma pergunta.

Explicações mais detalhadas podem ser feitas em outras partes do projeto, que têm essa função mais narrativa e argumentativa, como a *introdução* e a *justificativa*.

Essa definição também será importante porque o problema de pesquisa é parte necessária do *resumo*, que é a porta de entrada do trabalho. Uma vez que seu artigo seja encontrado por instrumentos de busca, os potenciais leitores iniciarão pela leitura do resumo, cujo conteúdo será fundamental para que eles avaliem o efetivo interesse no seu trabalho.]]

# Revista pretendida

[[Artigos são feitos para serem publicados e, portanto, é importante identificar desde logo qual é a revista pretendida. Essa escolha define, inclusive, o tipo de formatação necessária e os limites de tamanho do artigo, visto que cada revista determina os seus critérios formais (especialmente os modelos de citação) e os limites de tamanho (normalmente calculados em números de palavras ou caracteres).

Quanto maior a classificação Qualis das revistas, maior é a concorrência, visto que o nosso mercado editorial é bastante limitado. Há muitos professores e pesquisadores que precisam publicar nessas revistas porque elas definem a pontuação necessária para ingresso e permanência nos programas de pós-graduação e também são elementos fundamentais para a progressão funcional de professores. Nesse contexto, há uma concorrência muito grande nas revistas de maior prestígio, e por isso é preciso calcular com bastante realismo qual é o grau de interesse despertado pelo trabalho que você planeja realizar, para que você o submeta a revistas nas quais eles têm chances efetivas.

Para fazer essa avaliação, é muito importante que você analise os últimos exemplares das revistas pretendidas, para verificar se o seu artigo tem afinidade com eles, em termos temáticos e metodológicos.]]

# Revisão de literatura

[[Neste ponto, você deve apresentar um mapeamento da produção existente sobre o seu objeto específico, e também da produção acadêmica conexa, com a qual você pode dialogar.

Essa revisão é, de fato, menos um elemento do *projeto* do que uma explicitação dos resultados de seus *estudos preparatórios*, que são vitais para que você entenda as limitações do conhecimento existente e as ideias com as quais você precisa dialogar.

Para os leitores (especialmente para os avaliadores) do seu projeto, essa parte serve para mostrar o quanto você domina a literatura acerca do seu tema e se os estudos preparatórios foram suficientes para que você tenha conseguido definir um problema de pesquisa relevante.

A revisão não é uma lista de obras (as referências das obras citadas aqui virão ao final, nas Referências Bibliográficas), mas de uma descrição do *estado da arte* da produção existente, indicando os principais trabalhos, as inovações recentes, as pesquisas em curso que você conseguiu localizar. Você precisa organizar a produção que você encontrou, identificação dos principais autores, textos (livros, artigos e outros) que você tenha identificado e cuja leitura e análise será relevante para situar e desenvolver o trabalho.

Essa revisão bibliográfica mostrará a sua capacidade de identificar os interlocutores relevantes, os textos centrais e o tipo de literatura com a qual você vai trabalhar nas suas análises. Além disso, vai demonstrar a sua capacidade de encontrar as *ausências*, as lacunas no conhecimento existente, que demandam novas pesquisas para que aprimoremos nossas descrições e explicações sobre determinados fenômenos.

Uma boa revisão, assim, mostrará que seu trabalho buscará de alguma forma se somar a essa produção recente, suprindo uma lacuna na literatura – seja respondendo a uma questão que segue em aberto, seja utilizando uma abordagem inovadora, seja tratando um problema pouco explorado, seja propondo uma nova questão.

Consideramos útil que a revisão bibliográfica venha entre o *problema* e a *justificativa* porque a revisão faz uma boa mediação entre esses dois pontos fundamentais do projeto, esclarecendo muitas vezes quais são as lacunas nos conhecimentos existentes e, com isso, mostrando as potenciais contribuições da pesquisa.

Para facilitar o trabalho de redação, e evitar um retrabalho constante, sugerimos que a revisão bibliográfica já seja feita usando algum *software* de gestão de bibliografias, como o *Mendeley* e o *Zotero* (que são gratuitos) ou o *EndNote* (que é pago). Uma vez que os textos mapeados estejam nas bases de dados do seu programa, será muito mais simples inserir as citações, mudar a formatação das citações e, principalmente, será possível compor as referências bibliográficas do trabalho de modo automático, pois o próprio programa localiza os textos citados e produz a lista de Referências Bibliográficas. Nesses programas, há um trabalho um pouco custoso de inserir os dados (que muitas vezes são extraídos de forma automática dos textos lidos em formatos digitais), mas esse custo se paga rapidamente pelo tempo economizado ao longo do trabalho. Uma comparação deles pode ser encontrada no [site de apoio ao pesquisador da USP](http://www.sibi.usp.br/apoio-pesquisador/gerenciadores-referencias-citacoes/)]]

# Justificativa

[[A justificativa é o único elemento narrativo obrigatório do trabalho. Ele também não é uma parte do *planejamento* da pesquisa, sendo voltado ao *leitor do projeto* e não ao próprio pesquisador.

A justificativa deve ser capaz de indicar a relevância social e acadêmica da pesquisa, indicando os motivos que *justificam* o investimento do esforço do pesquisador (e muitas vezes de recursos públicos) na realização da pesquisa.

A justificativa pode ser pouco desenvolvida nos casos em que a relevância for evidente, mas ela precisa ser mais densa na medida em que a importância do trabalho seja menos clara para os leitores.

Nos casos de pesquisas teóricas e históricas, por exemplo, as justificativas tendem a ser muito relevantes, pois várias vezes os pesquisadores buscam esclarecer pontos que eles consideram relevantes, mas cujo impacto é pouco evidente para boa parte dos potenciais leitores.

A justificativa do trabalho é uma argumentação relativa ao problema de pesquisa (mostrando os impactos acadêmicos e sociais do trabalho), não sendo o ponto adequado para justificar o método ou do referencial teórico, cuja escolha deve ser justificada nos pontos específicos. Não se trata aqui de uma análise da consistência interna da pesquisa, mas de uma justificação *externa* que conecte o trabalho com o ambiente social e acadêmico em que ele se insere.

Pontos típicos da justificativa são a explicitação das questões sociais que estimularam o desenvolvimento da pesquisa (quando isso não foi esgotado na introdução) e um esclarecimento das limitações do conhecimento existente (pontos cegos, contradições, ausências, etc.), que podem ser superadas por meio da pesquisa.

# Objetivos

[[Definido o problema e justificada a sua relevância, chega a hora de fazer uma descrição dos objetivos, que serve como mediação entre *problema* e *metodologia*.

Os objetivos são centrados nos *verbos* que indicam *o que* o pesquisador vai *fazer*, para poder responder à pergunta formulada: identificar, medir, analisar, avaliar, descrever, explicar.

Os objetivos dizem *o que fazer*, e eles são diretamente conectados com as estratégias de abordagem, que indicarão *como* realizar os objetivos. Quanto mais objetivos são definidos, mais específicos deverão ser os procedimentos metodológicos, que precisam mostrar como cada um deles pode ser alcançado.

Não é preciso multiplicar infinitamente os objetivos, sendo conveniente que eles sejam mantidos em um número suficientemente amplo para que sejam capazes de desdobrar o problema em seus elementos principais (dados a serem levantados, descrições a serem feitas, relações a serem explicadas, etc.).

No caso de artigos, que são mais concisos, os objetivos podem ser ainda mais restritos. Bons artigos podem ser feitos com poucas ações, como: levantar certos dados, criar uma base de dados unificando os dados levantados com outros, classificar alguns desses dados, descrever um fenômeno complexo a partir das informações resultantes da pesquisa.

Se o número de objetivos crescer, é útil distinguir objetivos gerais de objetivos específicos, desdobrando cada objetivo geral (como *descrever* ou *compreender*) em verbos mais específicos (*identificar*, *medir*, *analisar*, por exemplo), de forma que cada grupo de objetivos não fique muito grande (algo como três objetivos gerais, desdobrados cada um em dois ou três objetivos específicos).]]

# Hípótese

[[A hipótese é uma resposta provisória ao problema de pesquisa. Nas pesquisas *experimentais* (ou sejam, que envolvem um experimento artificialmente definido), a hipótese é um elemento fundamental porque o *experimento* é desenvolvido como um teste capaz de *corroborar* ou *refutar* a hipótese.

Hipóteses também tendem a ser mais relevantes nas pesquisas voltadas a produzir ou aprimorar *modelos explicativos*. Quando a pesquisa parte da intuição, bem justificada, de que certo fenômeno *causa* outro, pode-se construir bem a pesquisa como uma forma de teste dessa *hipótese causal*, sendo a pesquisa voltada a corroborar ou refutar a existência de relações causais entre certos fenômenos.

Porém, quando as pesquisas têm um viés mais *descritivo*, a hipótese perde sua centralidade. Pode-se fazer um levantamento de dados, uma mensuração, um desenvolvimento de um modelo descritivo, sem partir de uma hipótese acerca de como serão essas descrições. Nesses casos, o importante é definir claramente o objeto e a metodologia, sendo que a formulação de hipóteses muitas vezes será uma mera artificialidade (para preencher a lacuna no modelo de projeto utilizado), sem contribuição real para a pesquisa.

Nesses casos, inclusive, pode ser que a hipótese seja até uma fonte de dificuldades, visto que ela pode reforçar o *viés de confirmação* e dificultar que o pesquisador esteja aberto para uma descrição dos dados feita a partir dos elementos observados.

Formular uma hipótese significa transformar o trabalho em um teste: ele é uma busca de avaliar a consistência da hipótese com os dados levantados. Os dados podem *corroborar* a hipótese ou podem *refutá-la* (casos em que a pesquisa produz resultados significativos), mas também podem oferecer resultados indefinidos (que não corroboram nem refutam), que costumam ser frustrantes. Nesse caso de indefinição, você pode transformar a sua pergunta inicial em um *teste do método*, que pode eventualmente concluir por uma inadequação do método usado para o campo de trabalho em que você o utilizou.

Quando você percebe que a realização dos seus objetivos pode resultar em um ótimo trabalho, com resultados relevantes, independentemente de eles corroborarem ou refutarem a sua hipótese, a conclusão mais provável é a de que você desenvolveu uma pesquisa em que a formulação de hipóteses era dispensável.

No caso de pesquisas descritivas (cuja relevância está no panorama descrito e não na confirmação de uma relação causal específica), ou em pesquisas cujo resultado decorra da aplicação de um método determinado a um conjunto predefinido de dados, é possível trabalhar bem com objetivos, sem a necessidade de formular hipóteses.]]

# Estratégias de abordagem

[[Nesse ponto, é preciso fazer os esclarecimentos metodológicos que esclareçam *como* serão realizados os *objetivos* anteriormente descritos. Quanto mais específica for a descrição dos procedimentos, melhor.

É nesse ponto que devem ser feitos os esclarecimentos dos *métodos escolhidos* e, quando necessário, dos motivos que justificaram a adoção destes métodos, explicando de que forma eles podem contribuir para oferecer uma resposta ao problema de pesquisa.

# Referencial teórico

[[O referencial teórico deve indicar o repertório de *conceitos* que você utilizou na formulação do problema e na definição da metodologia.

Quando você se pergunta sobre a existência de um fenômeno (por exemplo, da monocratização das decisões), você normalmente usa categorias cujo sentido precisa ser explicitado (como *monocratização* e *decisões*). Quanto maiores as implicações avaliativas (e não meramente descritivas) dos seus conceitos (por exemplo, ao avaliar a *eficácia* de uma política ou a *taxa de sucesso* da AGU), maiores serão as necessidades de explicar o sentido dos conceitos que você usou.

Uma opção é você desenvolver conceitos próprios, explicando o sentido no você usa todas as categorias referidas no seu trabalho e as suas perspectivas de abordagem. Porém, esse desenvolvimento teórico é uma construção difícil e trabalhosa, que envolve uma análise conceitual complexa e demorada.

Além disso, o desenvolvimento de novos conceitos exige estudos muito amplos, análise das categorias teóricas já desenvolvidas, das metodologias utilizadas em outros trabalhos, das implicações mais amplas das escolhas conceituais.

Quando uma pesquisa empírica demanda escolhas conceituais muito complexas, é muitas vezes necessário dar um passo atrás e realizar pesquisas teóricas amplas, grandes revisões de literatura, análises teóricas minuciosas em busca de garantir que a pesquisa estará baseada em um repertório sistemático de categorias consistentes.

Por isso mesmo, o mais normal é que você não desenvolva as categorias usadas no seu trabalho, mas que você se aproprie de categorias desenvolvidas por outros pesquisadores, que já as analisaram e testaram. Em vez de construir uma teoria (que é uma rede sistematizada de categorias), é mais normal (e eficiente) você estudar os trabalhos existentes e utilizar (com a devida citação) uma teoria.

Se você optar por uma combinação de teorias, há o risco de que você mescle conceitos cujo acoplamento é problemático, ou caindo em armadilhas (como usar duas teorias que têm um mesmo conceito, mas que têm sentidos diversos em cada teoria).

As teorias são *perspectivas*, e nem todas as perspectivas (para dizer o mínimo) são compatíveis entre si. Por exemplo, a mescla de teorias sociológicas (teorias explicativas baseadas em uma análise externa de sistemas sociais) com teorias dogmáticas (teorias comprometidas com os pressupostos internos de um sistema e com sua capacidade de gerar decisões) pode ser desastrosa.

Quanto mais descritivo o trabalho, menos complexa é a questão teórica envolvida. É claro que as descrições envolvem categorias, mas elas são menos controvertidas, e pode ser suficiente alguns esclarecimentos para evitar indefinições e mal-entendidos.

Quanto mais avaliativo o trabalho, mais a teoria precisa de critérios claros, para saber o que é uma *interpretação correta*, uma *decisão válida*, uma *política eficaz*. Quando não se busca apenas uma descrição, mas uma *explicação causal*, é preciso adotar teorias capazes de indicar as relações de causalidade e de proporcionar metodologias capazes de medi-las.

No campo do direito, como as perspectivas dogmáticas tendem a gerar perguntas sobre a *interpretação correta* do direito, o referencial teórico ganha muito relevo, sendo necessário esclarecer os *critérios de correção* que serão utilizados para avaliar as interpretações normativas.

O problema é que, muitas vezes, a pesquisa jurídica é circular, pois os resultados dependem mais dos pressupostos teóricos (e ideológicos) do pesquisador do que da própria pesquisa: se partimos do pressuposto que as interpretações corretas são aquelas que maximizam a proteção dos réus em processo penal, concluiremos que certas interpretações serão corretas ou incorretas, independentemente de qualquer análise dos *fatos*. Uma pesquisa cujo resultado não depende dos fatos observados, mas depende fortemente da ideologia do observador, dificilmente merece ser chamada de pesquisa, mas é isso que fazemos constantemente nos nossos discursos dogmáticos.

Essas complexidades teóricas fazem com que, normalmente, o desenvolvimento de novas *teorias* e *metodologias* seja um objeto de pesquisadores mais experientes e que elas surjam em pesquisas mais amadurecidas, mais tipicamente nos doutorados.

No caso de pesquisadores iniciantes, é mais seguro trabalhar com perspectivas mais descritivas (em que as questões teóricas tendem a ser menos dramáticas) ou com a aplicação de métodos e teorias desenvolvidas em outros trabalhos (buscando identificar os resultados da aplicação de uma teoria sólida a objetos novos). Nesses casos, o referencial teórico pode ser resumido a uma identificação das categorias relevantes e dos esclarecimentos necessários para a sua devida compreensão.]]

# Cronograma

[[O cronograma é parte do planejamento necessária para que o pesquisador consiga garantir que o trabalho necessário caiba nos prazos disponíveis e também para que estabeleça metas temporais.

Uma forma típica de fazer o cronograma é fazer uma tabela em que o tempo constitua as colunas (medido em meses, trimestres ou semestres, a depender do prazo) e cada linha seja um dos objetivos (incluindo também pesquisas exploratórias, quando necessário, e redação do texto final).

Assim, pode-se marcar um x nos períodos que se planeja realizar cada atividade, lembrando que várias atividades podem ser realizadas concomitantemente. Um cronograma linear com objetivos sucessivos normalmente não é muito factível e soa como demasiadamente artificial.]]

# Referências

[[Neste ponto, devem ser colocadas as referências bibliográficas efetivamente utilizadas ao longo do projeto, inclusive na revisão bibliográfica, seguindo o modelo de citação da revista pretendida.